

NOTA PREAMBULAR

A propósito da publicação das minhas duas colectâneas subordinadas ao título *O Retrato de Aquilino – Pintura Sobre Palavras*, nas quais reuni os oito primeiros livros que tinha publicado sobre o escritor admirável, na introdução a um deles escrevi, a título de justificativo para o seu aparecimento numa edição dita *de prestígio* decerto por ter aparecido no mercado a preço quase proibitivo e sem embargo de ambas se encontrarem esgotadas, estas palavras: *Aparte o provável adjutório de ignota mão celestial, tornou-se possível concretizar este projecto ambicioso – cujo custo não era despiciendo numa época em que as vacas não conseguiam segurarem-se sobre as quatro patas por andarem, mais do que magras, hécticas de todo – mercê do patrocínio decisivo da Câmara Municipal de Sernancelhe então presidida pelo Dr. José Mário de Almeida Cardoso, autarca culto, empenhado e experiente que há muito elegera Aquilino Ribeiro como figura tutelar cuja vida e obra seria propulsora da actividade cultural do Município, daqui irradiando para além das fronteiras das Terras do Demo que constituem o cerne do planalto interior beirão.*

Estas palavras escritas em 2013 cobravam sentido já que a soberania do país se achava subordinada aos férreos ditames económicos de uma *troika*, entidade apátrida cujo único fim visava preservar os interesses da alta finança internacional. Se assim era naquela desafortunada época, nos dias que correm de sorte menos gravosos para as contas públicas mas igualmente infelicitantes para quem vive do seu trabalho, cada vez mais precário e remunerado a preço de miséria, faz idêntico sentido e causa a mesma admiração verificar como um

pequeno concelho do interior beirão, de recursos limitados embora dispendidos com inteligente equanimidade, se propôs dar corpo a este novo projecto ainda mais vultuoso que os anteriormente referidos. A única explicação que encontro plausível reside na devoção – que já vem do tempo em que o poder local se viu fortalecido, honrado e posto ao serviço da comunidade municipal pelos ideais de Abril – que Aquilino Ribeiro, qual orago literário da região, lhes merece.

Esta verdadeira adoração para com quem tão fielmente retratou estas gentes ao longo de dezenas de obras que elevaram o português falado pelos seus serranos ao acume da perfeição artística tornou-se o motor das múltiplas iniciativas que consagram o mestre romancista como uma sorte de demiurgo cultural que merece unânime e afectuosa reverência. Daí que tudo quanto seja feito para manter viva e operante a sua memória mereça incondicional estímulo e apoio. Desse sentimento se beneficiou a publicação desta obra que compila todos os meus trabalhos aquilinianos.

Pelo que me toca e com o meu bem-haja ao Município onde nasceu o mestre desta língua que agora caminha para o despenhadeiro dum aviltamento inevitável graças ao infame e desastroso acordo ortográfico vigente que poderá servir outros interesses que não os da autenticidade das suas raízes matriciais, público e raso me declaro reconhecido ao executivo municipal de Sernancelhe, da presidência do Dr. Carlos Manuel Ramos dos Santos, pelo patrocínio concedido à publicação desta obra sem o qual jamais poderia vir a lume.

Como também já deixei escrito, volto a servir-me de um velho aforismo – mais batido que o burel feito com a lã das ovelhas serranas nos moinhos de pisões que antigamente existiram pelo curso do Paiva fora – o qual demonstra que ninguém é profeta na terra onde nasceu. Não há dúvida que, pregando em terra alheia, foi nela que consegui ser ouvido e apoiado neste inglório e incerto labor de pretender mostrar ao mundo *os presépios* que Aquilino Ribeiro andou durante mais de cinquenta anos a construir *com o pinho dos seus pinhais e com o castanbo dos seus soutos*. Se desse esforço de divulgação pouco ou nada ficar, pelo menos ficará a intenção que essa, se for a enterrar, como as virgens de antigamente exhibirá o ramo de flores de laranjeira do desinteresse.

Impõe-me também um dever de consciência que, sendo o Município de Sernancelhe o meu principal credor por dívidas de gratidão, não esqueça alguns outros de quem recebi ajuda e estímulo e nos quais tive de me arrimar nesta peregrinação de quase vinte anos com uma inalcançável Compostela no horizonte. Deles lembrarei apenas três por já não serem deste mundo.

Por justificada primazia, terei de chamar pelo nome de Aquilino Ribeiro Machado dado que nesta já longa caminhada, cumprida a primeira etapa com a publicação de *À Sombra de Mestre Aquilino*, dele recebi tão solene testemunho de apreço expresso numa carta na qual, sem me conhecer, quis significar-me a sua concordância e admiração quer pela substância quer pela forma do livrinho despretensioso. Foi o início dum relacionamento amistoso que perdurou até ao seu falecimento e teve o condão de estimular a publicação da segunda obra de tema aquilino da qual fez impressiva apresentação no Auditório Municipal de Sernancelhe. E ainda de uma terceira para a apresentação da qual me enviou o texto que preparara para ler se um inesperado internamento hospitalar o não tivesse impedido de se deslocar a Sernancelhe e durante o qual viria a falecer.

Respeitando a ordem de chegada ao proscénio das obras aquilinoanas que publiquei, segue-se Miguel Veiga que, por ter recebido das mãos do editor Cruz Santos um exemplar do meu primeiro livro, igualmente sem me conhecer fez questão de me enviar uma carta tão benevolmente elogiosa que me atrevi mais tarde a convidá-lo para apresentar outro dos meus livros em Moimenta da Beira na Biblioteca Aquilino Ribeiro. A esta seguiram-se outras apresentações em Espinho, duas vezes em Sernancelhe e outras duas na minha Vila da Feira.

Como testemunho que me desvanece, conservo uma mensagem de resposta a um desses convites na qual a sua generosidade quis escrever: *Consigno vou até ao fim do mundo*.

Finalmente invocarei o nome de Dom Manuel da Silva Martins, bispo emérito de Setúbal e alguém que, na minha condição de cartesiano agnóstico criado no seio do catolicismo mas impregnado sobretudo pelos princípios do humanismo cristão, me atrevo a considerar como um legítimo santo que só não foi alcançado ao supedâneo dos altares porque outros, na minha desvalida opinião com menos méritos, lhe ocuparam o merecido lugar no florilégio divino. Este homem, figura exponencial da Igreja portuguesa pela modéstia do trato e pelo dom da misericórdia para com o próximo que era, ao fim e ao cabo, toda a humanidade sofredora e desafortunada, concedeu-me o privilégio de se dizer meu amigo e de apreciar as prosas que fui publicando.

De tal modo se obrigava que, apesar da idade já avançada, continuava com um labor apostólico que faria a inveja de um eclesiástico na força da vida. Um exemplo retrata-o: um sacerdote que tinha a seu cargo a única paróquia da ilha do Corvo teve de ausentar-se para se submeter a uma operação cirúrgica de gravidade nos Estados Unidos. Pois este bispo, a caminhar para os noventa anos,

deixou o remanso do seu justo descanso e foi exercer o múnus eclesial como um principiante na ilha remota durante algumas semanas.

Tendo sido um incansável obreiro em prol da independência de Timor-Leste, nele delegaram a defesa da pretensão na Assembleia Geral das Nações com o êxito que se lhe reconhece. Dez anos volvidos, foi Dom Manuel Martins convidado para presidir à celebração da independência do novel país. Recordo que me disse contristado que não se sentia com forças para viajar para o outro lado do mundo numa viagem cansativa de dois ou três dias. Perante a recusa o governo timorense decidiu trasladar a comemoração para a sua embaixada em Lisboa, tal era o empenho que faziam na presença *in persona* do bispo, um dos pais tutelares da independência daquela jovem nação.

Quando o contactava para lhe requerer a participação em certos actos, por regra apresentações dos meus livros, era incapaz de recusar mas fazendo a advertência habitual: – Não sei o que vai ser de mim para a semana, quanto mais daqui a um mês! A minha resposta era a mesma: pelo sim ou pelo não, faça o favor de tomar nota na agenda. O certo é que tive a honra de contar com a sua presença numa boa dúzia de ocasiões. Até ao dia em que, cumpridos já os noventa anos, um sobrinho me deu a notícia de que o bispo exemplar fora chamado a governar uma diocese que não era deste mundo.

E já que esta conversa contende com a condição da santidade, talvez o leitor gracioso se interesse por saber onde fui desencantar um retábulo para Aquilino cuja linhagem literária remonta ao vernáculo de santos portugueses, a começar por Gil Vicente, Camões e Vieira e passando por Garrett, Herculano, Eça, Camilo e alguns mais, tudo gente com assento eterno garantido no areópago dos eleitos que aperfeiçoaram a língua falada pelo povo lusíada nascido nestas penedias sobranceiras ao mar atlântico.

Se todos eles, por direito de nação, foram alçados ao altar da Pátria, podia eu, apesar da modéstia do meu carpinteirar, não erguer um retábulo para mestre Aquilino Ribeiro, o sumo sacerdote do legítimo falar português?